

O meu avô lia Camões!

Já lá vão 50 anos! 50 anos de Portugal livre, que se reergueu da escuridão da ditadura, naquela bela madrugada de revolução. E já lá vão 500 anos... 500 anos de Camões, príncipe dos poetas, que cantou a nossa pátria como mais ninguém o fez.

Dado este mote, acredito que o presente ano é um belo ano para ser português. Afinal, poder celebrar o que melhor Portugal pode escrever nos livros de História é, no mínimo, gratificante.

Anuncia-se o mês de abril, o mês da Revolução dos Cravos. Naquela madrugada que o país mais esperava, os capitães de abril, como verdadeiros heróis lusitanos, decidiram pôr fim a um regime que oprimia a nossa pátria.

Ouvi, tantas vezes, as histórias de familiares a descrever, com a emoção à flor da pele, a Guerra Colonial e a vida antes do 25 de abril. Contavam-me como naqueles anos ser português era difícil, e como não se podia pensar livremente, e muito menos se expressar sem medo de ser apanhado pela PIDE.

Eram outros tempos. Mas graças aos que naquele dia, com valentia e determinação, marcharam até Lisboa e gritaram basta, hoje posso dizer que sou livre e feliz. Foi com esses portugueses de abril que se começaram a escrever as novas páginas da nossa História.

E se havia uma pessoa que me contava e recontava a revolução, como só quem lá esteve sabia contar, era o meu avô João. Um homem que a certa altura se viu obrigado a ir para a guerra, mesmo sabendo que esta já estava perdida. Foi, e por sorte voltou.

Mais tarde, naquela primavera de 74, uma nova era surgiu, e o meu avô, muito feliz, amou abril desde então. A sua paixão não se ficava apenas pelo 25 de abril, elevava os “verdadeiros patriotas”, como assim os chamava. Enunciava um ou dois de destaque, mas o que lhe trazia um brilho ao olhar era Camões. Sim, Camões!

O meu avô era uma pessoa humilde, as letras há muito que tinham ficado “na escola do antigamente”, como dizia, mas sempre vi nos seus olhos e ouvi da sua boca o bichinho da leitura sorrir. A muito custo, lá o deixaram tirar a quarta classe. Ele podia ler, privilégio que outros milhares perderam no caminho, uma luz que a pátria não lhes deu! Tinha sempre muito gosto em ver o jornal, ou ter um livrinho, por mais simples que fosse, perto de si, para quando tivesse tempo, pudesse deliciar-se com a leitura.

Um dia na escola, a professora “que era amiga”, como sempre recordou, logo viu que o meu avô amava os livros. Falou-lhe de Camões e, muito ao de leve, contou-lhe que este havia escrito uma grande epopeia marítima, uma viagem portuguesa, rumo à sonhada Índia. Curioso como era, o avô João não descansou até que a professora lhe emprestasse um dos livros do poeta. A partir desse dia, nunca mais o largou, e a sua paixão por Camões nunca mais se apagou.

Leu tudo, e muito falou com a professora sobre as aventuras dos destemidos portugueses. Ainda tentou fazer os amigos lerem, mas estes eram mais virados para a brincadeira. O meu avô abraçava os livros, e nos dias de

hoje seria um “rato de biblioteca”. Mesmo “naquele tempo”, como me disse tantas vezes, conseguiu descobrir o grande poeta, Camões, e amá-lo verdadeiramente.

Uma das coisas que o avô mais estimava era o tal livrinho que a professora tinha emprestado. Mais tarde, ela decidiu mesmo oferecê-lo, sabendo que estava em boas mãos. Era uma edição de capa vermelha d’*Os Lusíadas*, já muito antiga, mas muito bem conservada. Ele mostrava-mo sempre e eu ficava fascinada, principalmente com as ilustrações que encontrava em cada canto.

O avô adorava o episódio em que aparecia o Adamastor e eu, muito caladinha, ouvia-o com admiração contar a história do gigante. Se fechar os olhos, ainda consigo ver aquele sorriso contagiante e ouvir o avô a ler as estrofes com uma bela entoação. Bons tempos! Por isso, digo com toda a saudade, que o meu avô era um verdadeiro patriota.

Ele contava-me sobre a bravura dos portugueses, que se lançaram ao mar, sem nunca olhar para trás, em busca de um novo mundo. Heróis que levaram o melhor do nosso povo além-mar, e que provaram que a “ocidental praia lusitana” era feita de gentes de grande coragem e coração.

Ele lia-me sobre a epopeia que glorificava todos os portugueses que, com muito sangue, suor e lágrimas, deixaram a terra que tanto sublimaram, e que por isso, para irem além do horizonte, encontraram o mar largo. Os nossos antepassados estiveram na linha da frente nos Descobrimientos e foram os verdadeiros pioneiros da globalização!

Ele dizia-me que Portugal, este país que muitas vezes se vê pequeno, orgulha-se e honra a ideia daqueles que souberam brilhar, os mais pequenos que foram maiores. Portugal foi o berço de Camões, aquele que soube cantar o caminho da imortalidade. O sublime poeta teve no fado a criação da perfeita obra lusitana, e libertando-se da lei da morte, imortalizou a genial aventura lusitana.

E falo de tudo isto porque para mim, pensar em Portugal é pensar em Camões, é pensar em abril, mas é também pensar no meu avô. Para mim, ele surge como um exemplo de todos aqueles que contaram a nossa História e que desejaram, lutaram e trouxeram a Liberdade. Eu tenho um orgulho enorme em ter herdado este espírito patriota. Mesmo sabendo que o nosso país é, geograficamente, pequeno, na verdade, é gigante! A sua história, que remonta a 1143, está repleta de episódios que testemunham que o nosso povo é humilde, amável, resiliente, corajoso e, acima de tudo, único.

Avô, não te deixo uma epopeia, mas fica a saudade de te ouvir falar orgulhoso dos feitos deste país, que tanto me fascinam. Com 16 anos de vida, nos 50 anos de abril e 500 de Camões, contando de ti, despertei as histórias da vida dos portugueses, porque só com a Memória descobriremos o verdadeiro significado do dia 10 de junho!